



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita a Londres**

**Londres - Inglaterra, 1º de junho de 2007**

**Jornalista:** Posso falar um pouquinho de assuntos do seu agrado? Esse artigo de hoje, no The Guardian, seu, pode ser tomado como uma resposta, uma crítica indireta aos presidentes Chávez e Fidel Castro, que dizem exatamente o contrário do que o seu artigo diz?

**Presidente:** Não é uma resposta, porque eu não tenho polemizado com aqueles que pensam diferente de mim. Primeiro, porque eu defendo a idéia de que cada país tem que ter a soberania para tomar as decisões que melhor entender e definir a sua matriz energética. Um país que tem a quantidade de terra que tem o Brasil, boa para a agricultura, que não atinge a região da Amazônia, e que pode utilizar um combustível renovável não-polvente, que gera milhões de empregos, não tem por que prescindir disso. E a minha tese é de que os biocombustíveis podem ser a alavanca de desenvolvimento para muitos países africanos, que podem ter, no século XXI, a chance que não tiveram no século XX.

Convencer o mundo disso não é tão difícil, na medida em que, antes de adotarmos essa discussão internacional, o Brasil já produzia etanol desde 1975. Segundo, os protocolos das instituições multilaterais, como o Protocolo de Quioto, dão diretrizes gerais para que os países as cumpram. Ou seja, se cada país adotar aquilo que está previsto no Protocolo de Quioto, significa que cada país vai ter que assumir a responsabilidade para reduzir o desmatamento, para despoluir o Planeta. E o biocombustível é uma saída extraordinária, até agora ninguém inventou outra coisa melhor. Alguém que diga se há outra coisa melhor. Poder-se-ia falar em energia nuclear, a energia nuclear é uma



hipótese, porque países como os europeus e outros já utilizaram todo o seu potencial hídrico, então, não têm mais o que fazer em energia hídrica, são obrigados a utilizar a energia nuclear.

O Brasil, eu vou lhe dar um número: a América do Sul tem uma reserva hídrica de 564 mil megawatts/hora. Isso, transformado em barris de petróleo, daria um potencial de 1 trilhão, 349 bilhões de barris de petróleo. Só o Brasil tem 264 mil megawatts a serem construídos. Ou seja, vamos supor que desses 264 mil megawatts você tenha um percentual que não possa, porque vai ferir o meio ambiente, vai degradar regiões. Então, vamos abaixar para 150 mil, 200 mil megawatts. Nós temos um potencial extraordinário para trabalhar, ainda, a questão da energia renovável, não-polvente, energia limpa, além do biocombustível, que é uma revolução na indústria automobilística mundial.

Para mim é apenas uma questão de tempo. Eu digo sempre, eu tenho 61 anos de idade e confesso que daqui a 20 anos – não sei se os da minha idade estarão vivos para ver, mas como estamos vivendo um pouco mais agora... – eu estou convencido de que o biocombustível será uma revolução na matriz energética, na área de combustível, para o mundo. O mundo vai precisar de biocombustíveis, cada vez mais o aquecimento global vai preocupar a humanidade, cada vez mais nós vamos ter a sociedade exigente e, portanto, é uma questão de tempo, de todos os governantes compreenderem que cada um tem que cumprir a sua tarefa. E essa tarefa será cumprida por quê? Porque, como a Terra é redonda, e gira, todos serão prejudicados, não tem um mais e um menos. O que você tem é país que polui mais e país que polui menos. Por exemplo, os países ricos, que são responsáveis por 65% das emissões de gases, têm que ter mais responsabilidade do que os países em desenvolvimento. Por outro lado, os países em desenvolvimento precisam aproveitar que não fizeram a barbaridade de desmatamento que os países ricos fizeram, para preservar as suas florestas.



**Jornalista:** Presidente, qual o seu comentário a respeito da proposta do Bush, de que os 15 países que mais poluem, entre eles o Brasil, deveriam estabelecer metas de redução de emissão de carbono?

**Presidente:** Olha, eu espero escutar a proposta do Bush ao vivo, na reunião do G-8. O dado concreto é que não existe perspectiva da proposta do presidente Bush ter qualquer prevalência sobre o Protocolo de Quioto e outras decisões multilaterais, porque a proposta dele fica uma coisa muito voluntarista: quem quer faça; quem não quer, não faça. Ora, se nós já temos a proposta do Protocolo de Quioto, por que inventar outra proposta e não cumprir aquilo que já está determinado? Se um país não é capaz de cumprir o resultado de uma convenção internacional que determinou orientações e diretrizes, não vai ser de forma voluntária que esse país vai cumprir.

Por outro lado, o Brasil, não só por conta do etanol, por conta do biodiesel, mas é importante lembrar que, nos últimos dois anos, o Brasil reduziu o desmatamento em 52%. É preciso lembrar que, nos últimos oito anos, o Brasil “seqüestrou” do ar 644 milhões de toneladas de carbono. Então, o Brasil, nessa discussão, não aceita que tentem jogar nas costas dos países em desenvolvimento os males que os países desenvolvidos causaram. Nós achamos que os países em desenvolvimento precisam continuar crescendo, que os países pobres precisam continuar crescendo. É por isso que eu sou um fanático pelos biocombustíveis, é porque é uma chance de você florestar o mundo com plantas que possam não só produzir combustíveis que nós precisamos, mas também fazer o seqüestro de carbono que nós precisamos. E os países ricos, que não têm mais condições, poderiam utilizar os países pobres da África, da América Central, fazer parcerias, fazer produção e, quem sabe, tudo pudesse melhorar.

**Jornalista:** Agora, Presidente, nessa discussão, a China e a Índia, que são



parceiros do Brasil em vários níveis têm uma posição de repúdio à fixação de metas nessa questão, alegando, inclusive, um pouco como você falou, que os países em desenvolvimento têm necessidade de continuar crescendo e, portanto, não podem pagar o preço que os países ricos impõem a eles. Eu não sei se a posição do Brasil é exatamente essa que a China e a Índia estão expondo ou, pelo fato de ter uma, digamos, não sei se é solução exatamente a palavra, mas um projeto, que é o projeto do etanol, do biocombustível, etc, é diferente dessa da China, ou seja, no sentido de dizer: “Olha, nós queremos – obviamente todo mundo quer continuar crescendo – mas nós podemos continuar crescendo fixando, não obstante, metas de redução de emissão de gases, porque nós temos a alternativa do combustível verde”. É essa a posição brasileira ou eu estou exagerando?

**Presidente:** Eu respeito a posição de cada país. Veja, como esse é um debate novo, eu penso que nós precisamos saber que ainda carece de um processo de convencimento dos países. Obviamente que hoje um país pode crescer sem precisar poluir tanto quanto os países poluíram há 50 anos. Há tecnologia disponível para que você tenha, na construção das suas indústrias, modelos de indústrias que sejam menos poluentes. Obviamente que você vai ter que investir mais, possivelmente o custo de produção seja um pouco maior, o lucro seja um pouco menor, mas é o preço que todos nós temos que pagar.

A proposta do Brasil é uma alternativa para a humanidade começar a perceber que nós não somos tão dependentes dos combustíveis fósseis como parece. Ou seja, há 50 anos se fala no hidrogênio, mas até agora não conseguiram separar a molécula, portanto, a gente não tem hidrogênio, fica só na ficção. E o dado concreto é que o Brasil, desde 1975, mostrou ao mundo que é possível ter um outro caminho. Agora, com o biocombustível e com a poluição do Planeta, nós temos muito mais autoridade tecnológica, autoridade política, para ir convencendo o mundo.



Eu estou, Rossi, tranquilo, porque há 10 anos esse tipo de conversa seria tido como conversa de lunáticos, ninguém ia discutir isso. O dado concreto é que hoje não tem uma mesa de discussão em nenhum país do mundo, sobretudo no mundo desenvolvido, em que os biocombustíveis não estejam na ordem do dia. Eu mesmo, em várias conversas que tive com o primeiro-ministro Tony Blair, disse para ele: Olha, por que não fazemos parcerias, Inglaterra e Brasil, e vamos desenvolver um projeto de biocombustível num país africano? Vamos começar. A mesma conversa eu tive com o presidente Bush: Por que não desenvolver um projeto e fazer parcerias? A mesma conversa eu tive com a primeira-ministra Angela Merkel. Ou seja, nós estamos há quase um século comprando petróleo dos países árabes, eu acho que agora a gente pode comprar biocombustíveis dos países africanos, dos países da América Latina, que são países que têm disponibilidade de terras, que têm água, que têm sol.

Portanto, a China, a Índia e o Brasil obviamente não podem parar de se desenvolver. Você não pode imaginar que um país como a Índia, que ainda tem 700 milhões de pessoas vivendo em situação de pobreza, deixe de crescer, ou a Índia, que tem uma quantidade enorme de gente vivendo em situações difíceis, pare de crescer, ou o Brasil. Nós poderemos crescer de forma mais razoável do que o crescimento feito até agora. E, até agora, a sociedade de consumo não levou em conta a necessidade de preservar o Planeta para que a gente continue consumindo.

Então, o que nós temos que apresentar é isso: uma proposta concreta de que nós poderemos mudar a matriz energética do mundo. É uma questão de tempo para mim e isso vai acontecer. O Brasil, se vocês prestarem atenção, vão perceber o seguinte: o sucesso do flex-fuel. Hoje, 85% dos carros brasileiros vendidos no mercado interno são flex-fuel, uma coisa que estava, praticamente, abolida em 2002. O Brasil tinha parado de ter carro a álcool e o mundo pode começar a adotar. Imaginem se cada país adotar 10% de etanol



em uma mistura com a gasolina, o benefício que vai causar ao aquecimento global e, ao mesmo tempo, o que vai causar de desenvolvimento em países com potencial agrícola. Por isso nós estamos acreditando que vai acontecer a Rodada de Doha e vai ter um fecho.

**Jornalista:** O senhor acredita que Brasil, Índia e China estão, pelo menos informalmente, constituindo um bloco também no que diz respeito ao aquecimento global, a alterações climáticas, à ecologia?

**Presidente:** Nós precisamos avançar para isso. Por enquanto, nós temos um bloco que participa da discussão da Organização Mundial do Comércio, mas eu penso que a gente vai evoluir. Eu sempre quero respeitar as particularidades de cada país. O que eu acho é que, no caso de algum país, ele não tem o potencial que tem o Brasil. Por exemplo, tem gente que vai ter que ir para a energia produzida à base de termelétrica de carvão, o que eu acho um desastre. De qualquer forma, se um país não tiver outras posições... Hoje, você pode ter – como a termelétrica de Candiota, no Rio Grande do Sul, que nós estamos fazendo com os chineses – uma termelétrica menos poluente do que todas que existem hoje. Mas, um país que tem o potencial hídrico do Brasil não precisa pensar, de imediato, em termelétrica a carvão. E, depois, o preço da energia, não é? A energia mais barata é a energia hídrica. Se você quiser comparar o megawatt-hora, você tem um custo de 50 dólares o megawatt-hora da energia hídrica e 300 dólares o custo do megawatt-hora de uma termelétrica a óleo diesel. Então, isso demonstra que não é apenas economicamente... Eu vinha conversando com o governador do Acre, no avião, ele me dizia que o megawatt-hora chega a custar quase mil reais lá no Acre, porque a distância para levar é muito distante, é muito caro. Então, nós precisamos urgentemente começar a encontrar outras formas de fazer pequenas hidrelétricas, de fazer



biomassa, para ver se a gente consegue dar sustentabilidade energética a algumas regiões do País que ainda não têm também.

**Jornalista:** Presidente, e a questão Doha, o Brasil acha que vai conseguir, o senhor acha que vocês vão conseguir alguma coisa concreta em junho? Qual é a sua opinião sobre a posição da Europa e dos Estados Unidos? Eles estão sendo flexíveis ou não?

**Presidente:** A tese que eu defendo e acredito, por todas as conversas que eu tive até agora, é que há uma predisposição dos países de encontrarem, de fazerem um acordo na Rodada de Doha. Todo mundo já sabe, mais ou menos, o triângulo das negociações: de um lado, nós queremos que os europeus flexibilizem o acesso a produtos agrícolas dos países pobres; de outro lado, nós queremos que os Estados Unidos reduzam seus subsídios; nós estamos oferecendo, enquanto G-20, a possibilidade de flexibilizar produtos industriais e serviços. Isso, sempre levando em conta a proporcionalidade entre o tamanho e a riqueza de cada país. Você tem países na Europa em que a agricultura representa apenas 2% da mão-de-obra no campo, e você tem países na África em que representa 70%. Então, o peso agrícola é diferenciado para esses dois países, tem que ter esse respeito à proporcionalidade para que o acordo seja justo. O que eu tenho defendido? Não importa que os países grandes não ganhem o que pensam que vão ganhar, não importa que o Brasil não tenha tudo o que pensa que vai ter. Não importa. Se no acordo o resultado for que os países mais pobres do mundo tenham possibilidade de crescer um pouco, ainda assim eu acho que nós deveríamos fazer o acordo.

**Jornalista:** Presidente, o senhor cita uma particularidade dos países, o senhor acabou de falar isso, e geralmente o senhor é muito cuidadoso quando se



refere aos outros países, mas isso não é recíproco. O presidente Hugo Chávez disse ontem que mandava condolências ao povo brasileiro pelo Congresso Nacional que tinha, porque é um congresso que segue à risca o que o Congresso em Washington faz. E disse, ainda, que seria mais fácil, na questão da televisão que ele fechou, os portugueses reinvadirem o Brasil, mudarem para o Brasil, do que ele reabrir aquela televisão. De certa forma, ele atacou o povo brasileiro.

**Presidente:** Veja como eu sou diplomata. Eu não posso falar de um discurso de um chefe de Estado, porque você está me fazendo a pergunta. Numa situação dessas, eu não sei se o Chávez falou ou não falou.

**Jornalista:** Mas falou.

**Presidente:** Eu não sei. Se falou, certamente o embaixador brasileiro em Caracas vai comunicar ao Itamaraty. E, depois, é o seguinte, todos nós somos adultos e cada um tem responsabilidade pelo que fala. Eu penso que o Chávez tem que cuidar da Venezuela, eu tenho que cuidar do Brasil, o Bush tem que cuidar dos Estados Unidos, e assim por diante. Cada país faz aquilo da forma mais soberana que puder. No caso do Chávez com a televisão, eu disse e repito: é um problema do Chávez com a televisão, com a legislação da Venezuela, não é um problema do Brasil. O problema do Brasil é outro, nós temos uma prática extremamente democrática na relação com a imprensa, ela está consolidada, e eu acho que cada país tem que ter soberania para fazer o que entender que deva ser feito. Nada mais do que isso.

**Jornalista:** Palpite para o jogo, Presidente?

**Presidente:** Eu prefiro não dar. Eu gostaria que fosse uns 2X0.





**Jornalista:** Para a Inglaterra?

**Presidente:** Para o Brasil.

**Jornalista:** Gol de quem, Presidente?

**Presidente:** Aí já é demais.

**Jornalista:** Quem o senhor acha que está melhor em campo, ultimamente, Presidente?

**Presidente:** Quem está melhor em campo?

**Jornalista:** Um jogador que o senhor ache que vem se destacando na seleção do Dunga.

**Presidente:** Não na Seleção, mas eu acho que o Kaká tem se colocado como o melhor jogador.